

Milliet mostra risco de grave crise e recessão

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, afirmou ontem que se não houver uma reestruturação geral da economia mundial, com soluções negociadas e equilibradas entre países credores e devedores e entre as principais economias e os países em desenvolvimento, há o risco de uma grave crise, com recessão e desorganização geral do mercado, tornando ainda mais difícil o problema da dívida.

Milliet fez estas afirmativas ao abrir, ontem, a 24ª Reunião de Técnicos de Bancos Centrais do Continente Americano, que prossegue até sexta-feira, em Brasília. "Há mais riscos que oportunidades no momento, mas a adoção de posições racionais e não emocionais pode resolver a crise", afirmou, prevendo "turbulências" para os próximos dois anos.

O crash da Bolsa, segundo Milliet, é um "ponto de ruptura" que mostra uma crise profunda que já havia apresentado uma fase aguda em 1982, quando se explicitou a falta de capacidade de pagamento dos devedores. Desde o final da década de 70, continuou, os países em desenvolvimento foram aliados dos empréstimos voluntários, que foram carreados preferencialmente para os Estados Unidos, que vinham aumentando seu déficit interno e o comercial.

O mercado passou, assim, de excesso para falta de liquidez, com elevação brutal das taxas de juros, com os países mais poderosos forçando os países em desenvolvimento a adota-

rem modelos recessivos, na expectativa de voltarem ao mercado voluntário, o que não aconteceu, revelando que o custo social, tecnológico e econômico deste modelo não foi compensado.

Ou as economias em choque encontram uma solução de consenso, equilibrada e satisfatória para todos, ou o reordenamento da economia mundial virá de forma abrupta, na figura de uma crise internacional profunda, com recessão e desorganização geral do mercado, garantiu o presidente do Banco Central.

PAGAMENTO SIMBÓLICO

Milliet informou, no início da tarde de ontem, que o Brasil poderá fazer um depósito, no Banco Internacional de Compensações (BIC), da Basileia, Suíça, ou no Banco Mundial, como gesto de boa vontade para continuidade das negociações com os bancos credores, que se desenvolvem nos Estados Unidos. Condiicionou esse depósito, em volume não especificado, a uma contrapartida dos bancos credores.

Estes depósitos bilaterais, segundo Milliet, significariam, na realidade, um acordo parcial para a dívida, evitando a reclassificação do Brasil pelas agências oficiais norteamericanas que se reuniram desde ontem para examinar este e outros problemas. "Não creio que o Brasil seja o número 1 da pauta", afirmou Milliet, que espera até a próxima semana um acordo com os bancos neste sentido e, até o final do ano, uma solução mais abrangente e a longo prazo para a dívida brasileira.